

## PREFÁCIO\*

*Eblin Farage*

Fazer o prefácio de um livro é sempre a oportunidade de ter acesso a informações e reflexões de forma ‘privilegiada’, pois parecem ainda estar em seu nascedouro. Os livros ganham vida na medida em que passam a ser lidos e a provocar reflexões, inquietações, questionamentos, afinal “[...] o conhecimento caminha lento feito lagarta. [...] Até que maduro explode em vôos”. (IASI, 2000, p. 22)<sup>1</sup>. Certamente o livro *Tijolos contra muros* – contribuições críticas do Serviço Social na educação convida-nos a um voo sobre reflexões reais, fincadas em dimensões da vida educativa de segmentos da classe trabalhadora, a partir da experiência profissional do(a)s assistentes sociais e educadore(a)s/autore(a)s articulado a reflexões teóricas e militantes. Agradeço a(o)s organizadore(a)s por essa oportunidade e, também, pela brilhante iniciativa de possibilitar a(o)s leitore(a)s reflexões tão instigantes e necessárias ao fazer profissional.

Apesar do longo caminho de relação entre Serviço Social e processos educativos, considerando a ação pedagógica do fazer profissional, desde sua matriz conservadora, no início da profissão, até sua aproximação ao campo da teoria crítica e à práxis emancipadora, está é uma área que ainda persiste como desafio.

Primeiro por que tratar da educação, independente da relação com a profissão, pressupõe definir um caminho a ser trilhado. Seja por uma educação – formal e não formal – com o horizonte da emancipação humana e, portanto, com a perspectiva da consciência crítica, ou por uma educação apassivadora, alienante e adaptadora ao status quo. Caminhos antagônicos que se relacionam com os distintos projetos societários em disputa, é por isso, em si, já é desafiador. Identificar que a educação não ‘paira’, mas ao contrário é fruto das relações sociais, implica em reconhecer a disputa entre as classes sociais. E ao ‘ler’ a realidade para além do aparente, compreendendo as relações sociais de produção, nos termos de Marx, ou ao ler o mundo, como dizia Paulo Freire, isso implica-nos a buscar formas de transformar essa realidade que, pela sua natureza, é opressora.

Por isso, refletir, trabalhar, militar na área da educação é uma responsabilidade, que deve ser partilhada por inúmeros profissionais, não sendo tarefa exclusiva do(a) professore(a)s e pedagogo(a)s, e inclui como desafio a construção multidisciplinar e interdisciplinar da educação básica à educação superior. Considerando, como Gramsci<sup>2</sup> (2000, p. 18), “[...] que todos os homens (mulheres) são intelectuais, mas nem todos os homens (mulheres) têm na sociedade a função de intelectuais.”, a educação pode cumprir um papel central na socialização do conhecimento historicamente construído e na formação do ser social, o que atribuí aos profissionais que trabalham na educação e/ou com educação uma importância central.

O segundo desafio, ao tratarmos da relação entre Serviço Social e educação, consiste na necessária construção de processos laborativos, técnico-operativos e metodológicos de um trabalho que não deveria ser de assistencialização da educação. Isso vale tanto para os espaços educativos formais, como para a ação pedagógica do Serviço Social que permeia os mais diversos espaços socio-ocupacionais. Assim, busca-se construir um fazer profissional pautado na direção social da profissão, que considere como essencial desenvolver “[...] em cada indivíduo humano a cultura geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-71-0-0-f.8-10

<sup>1</sup> IASI, Mauro. Aula de voo e outros poemas. São Paulo: editora CPV, 2000.

<sup>2</sup> GRAMSCI, A. Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Cadernos do Cárcere. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

pensar e de saber orientar-se na vida.” (GRAMSCI, 2000, p. 32), uma educação “imediatamente desinteressada”, como afirma o autor italiano.

Esse é um desafio duplo, pois pressupõe construções internas à categoria profissional e diálogo com a expectativa que talvez as instituições de educação (seja a escola ou a Universidade) tenham sobre o fazer profissional do(a)s assistentes sociais. Nesse sentido, o segundo desafio, impõe-nos considerar o princípio educativo da prática profissional e sua contribuição para a construção de processos organizativos e culturais contra-hegemônicos, que questionem o instituído e tenham no horizonte uma educação para além do capital, como aponta Mészáros (2005)<sup>3</sup>. Um fazer profissional mediado por relações pedagógicas, no dizer de Abreu, que “[...] incidem sobre a organização da cultura, constituindo-se elemento integrante da dimensão político-ideológica das relações de hegemonia.” (ABREU, 2002, p. 17-18)<sup>4</sup>.

Esses desafios já são, por si, intensos ao Serviço Social, mas agrega-se a estes, a realidade de recrudescimento do conservadorismo com a expansão da extrema direita, do fundamentalismo religioso e da militarização da vida, em especial a partir de 2019. Se antes já era desafiador pensar a educação, em especial na particularidade brasileira de capitalismo dependente, articulando várias das temáticas abordadas nesse livro, a partir do debate de classe-raça-gênero, com a fascistização da política e do cotidiano, esse posicionamento tornou-se ainda mais desafiador.

Falar de educação em um país que amplia a fome, a miséria e o desemprego e que, ao mesmo tempo, como faces de uma mesma moeda, amplia a concentração de renda, torna é uma ação premente. Mas discutir educação torna-se também uma necessidade quando o Brasil cresce a passos largos, na produção de armas e no armamento da população. Só em 2020 o país registrou um crescimento de 91% em armas registradas na Polícia Federal<sup>5</sup> em relação a 2019, que já havia apresentado aumento de mais de 80% nos registros. Em 2021 o país registrou o maior aumento na importação de armas desde o início do registro da série histórica em 1997, chegando a 574%<sup>6</sup> de aumento de armas pesadas. Um país que cresce em armamento e ao mesmo tempo cria formas de vetar livros, como demonstraram as movimentações do Ministério da Educação (MEC) no processo de escolha dos livros didáticos, indica sua opção política.

É nesse contexto de recrudescimento do conservadorismo e fascistização social que a relação entre Serviço Social e Educação ganha ainda mais relevância. Uma relação que, pautada na relação dialógica entre fazer profissional e demandas reais da classe trabalhadora, busque contribuir para o processo de elevação da consciência social e do reconhecimento do lugar de classe de trabalhadores e trabalhadoras, tão necessário ao processo de mobilização social, é, no caso específico do Serviço Social, uma defesa do projeto ético político e dos princípios do Código de Ética da profissão. Afinal, como expresso no primeiro princípio do Código de Ética<sup>7</sup> (CFESS, 1993, p. 23), é necessário o “[...] reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes – autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais.”, o que só é possível se a educação contribuir, como afirma Gramsci (2000, p. 49), para formar pessoas “[...] capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou controlar quem dirige.”

<sup>3</sup> MÉSZÁROS, I. A Educação para além do Capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

<sup>4</sup> ABREU, M. M. Serviço Social e organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Editora Cortez, 2002

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55590649>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/brasil/118501,importacao-de-armas-de-fogo-bate-recorde-no-brasil-em-2021>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>7</sup> CFESS. Resolução 273 de 1993. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE). Acesso em: 31 jan. 2022.

Neste livro traz excelentes reflexões para a construção dos caminhos que nos fortaleçam para enfrentar os desafios de forma coletiva e mobilizadora. Assim, o livro, que é dividido em 4 partes, conjuga uma feliz e frutífera articulação, indo de artigos de análises estruturantes a experiências profissionais inovadoras. Na primeira parte, conjugando análise teórica e perspectiva intelectual militante, somos brindados com três artigos que articulam, de forma magistral, a relação necessária sobre educação e trabalho. Na segunda parte, com cinco artigos que nos tiram do lugar comum, ao trazer para debate reflexões e experiências de educação considerando a imprescindível relação classe-raça-gênero, que permeia a formação e o trabalho profissional. Na terceira parte, com quatro artigos, proporciona a leitores e leitoras a aproximação ao percurso do Serviço Social com a educação, desde a inserção na política de educação a experiências vividas de inspiração freiriana. Na quarta e última parte, com quatro artigos, traz a partilha de experiência do Serviço Social em programas da educação básica à educação superior.

O leitor e a leitora são convidados a voar com os conhecimentos partilhados e as reflexões instigantes que o(a)s autore(a)s nos proporcionam. E em meio a uma pandemia, que já ceifou mais de 620 mil vidas e persiste pela política negacionista e pela opção dos lucros acima da vida, somos instados a ser tijolos contra muros, em uma ação de inconformação e rebeldia à (des)ordem do capital. Como diz o poeta Thiago de Mello “[...] é tempo sobretudo de deixar de ser apenas a solitária vanguarda de nós mesmos. Se trata de ir ao encontro. [...] Se trata de abrir o rumo”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/para-os-que-virao-poema-de-thiago-de-mello/>. Acesso: 10 jan. 2022.